

A EUCARISTIA COMO CENTRO, TESOIRO E ÁPICE DA IGREJA NO PENSAMENTO DE JOSEPH RATZINGER-BENTO XVI

José Maycon de Lacerda Sales¹; Aldeanes de Souza Gomes¹; Bruno Dias de Lima¹; Rudy
Albino de Assunção²

¹Discente do Curso de Teologia do Centro Universitário Católica de Quixadá.
E-mail: mayconlsales@hotmail.com

²Docente do curso de Teologia do Centro Universitário Católica de Quixadá.
E-mail: rudyalbino@unicatolicaquixada.edu.br

RESUMO

A pesquisa é referente à Eucaristia como dom, tesouro e ápice da Igreja a partir do pensamento do teólogo e papa Joseph Ratzinger-Bento XVI. O objetivo é evidenciar na doutrina eclesiológica ratzingeriana a importância e a riqueza que Eucaristia tem para o Corpo Místico de Cristo. Sem dúvida, a Igreja é Corpo de Cristo enquanto nutrida por Aquele que a alimenta de si mesmo, transformando-a naquilo que Ele mesmo é. Na instituição da Eucaristia Cristo antecipa o sacrifício que se daria na cruz quando diz “Isto é o meu corpo que será entregue por vós”, “Isto é o meu sangue que será derramado por vós”. A Eucaristia é banquete festivo: na Missa o Corpo e o Sangue do Senhor são dados em alimento, mas antes é sacrifício porque Ele mesmo, pela celebração do mistério, que se doa e se entrega pela humanidade para a remissão de seus pecados. Os que comungam do corpo do Senhor Nele encontram forças para caminhar e são chamados a se configurarem a este mesmo Senhor; ao comungarem o corpo e o sangue eucarísticos os fiéis se tornam novo povo de Deus, selados em uma nova aliança não mais pela oferta de animais, mas pela vítima perfeita e definitiva, no sangue sublime e imaculado do filho de Deus. Desse modo se manifestam as duas definições da Igreja apresentadas no pensamento de Ratzinger.

Palavras-chave: Eucaristia. Corpo Místico. Povo de Deus. Sacrifício. Banquete.

INTRODUÇÃO

O tema correspondente à Eucaristia é, sem dúvida, de extrema importância ao campo da Teologia. Uma diversidade de renomados teólogos, entre eles Santo Tomás de Aquino e o próprio Ratzinger se dedicaram incansavelmente para a obtenção de conteúdos firmes e racionais a esta causa. Entretanto, é inevitável admitir que a Eucaristia não é um assunto fácil de ser entendido, supera as leis e razões humanas, ultrapassa os sentidos e toca uma realidade ontológica, encaminhando-se para uma dimensão metafísica alcançada somente pela fé, porque é mistério.

O mistério difere do enigma, pois por enigma se entende tudo aquilo que é difícil de entender, mas que pode vir a ser desvendado com o requerido esforço intelectual, ou seja, que tão somente estar a aguardar a ação do explorador para por este ser esmiuçado, assumindo uma condição velada temporariamente. O mistério por sua vez tende a ser mais profundo, pois não é algo a ser desvelado, mas contemplado. Ao falar de Deus, é necessária a plena consciência das limitações do intelecto humano, adentrar o conhecimento do divino requer, antes de tudo, uma disposição ao conteúdo da fé, que não está totalmente desprovido de razão.

Na concepção Ratzingeriana a Eucaristia é "centro da Igreja", porque é fonte de toda missão evangelizadora, da Eucaristia brota o desejo sincero de tornar Jesus conhecido e amado, em torno de uma mesma mesa encontramos sentido para nossa esperança e recebemos a força

do anúncio. A alegria que anunciamos é antes alegria que conhecemos e experimentamos, anunciamos para que outros possam partilhar de nossa alegria e para que ela seja contagiante, ela é fonte de nossa vocação.

O diviníssimo sacramento ainda é tesouro e por isso dom divino confiado aos homens, maior riqueza da Igreja por se tratar do corpo e do sangue de Cristo, o próprio Deus encarnado. É o cerne de toda a vivência cristã que expressa em seu conteúdo todos os mistérios divinos manifestados ao seu povo, na Eucaristia vivenciamos uma verdadeira ação de graças ao Pai, no Filho, pelo Espírito Santo.

Essa relação íntima da Eucaristia com os demais sacramentos e com a existência cristã compreende-se, na sua raiz, quando se contempla o mistério da própria Igreja como sacramento. A esse respeito, o referido concílio afirmou que "a Igreja, em Cristo, é como que o sacramento, ou sinal, e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano". Ela, enquanto "povo – como diz São Cipriano – reunido na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo", é sacramento de comunhão trinitária (BENTO XVI, 2007, p.26).

Por fim acentuamos a Eucaristia como ápice da Igreja, sacramento dos sacramentos, pois por meio dela se expressa a unidade eclesial, todos os sacramentos apontam para ela; especificamente na comunhão eucarística entendemos que ela faz a Igreja quando identificamos cada cristão com o próprio Senhor, cada discípulo com o próprio mestre.

METODOLOGIA

Utilizamos-nos da pesquisa bibliográfica do autor principal, como também de alguns de seus comentadores que constituem uma herança espiritual e teológica profunda para com a Eucaristia na tentativa de exprimir tamanho dom divino confiado aos homens.

RESULTADO E DISCURSÃO

Todas as vezes que pelas mãos do sacerdote oferecemos o pão e o vinho, este pão se torna verdadeira comida e carne do Senhor e o vinho verdadeira bebida e sangue do Senhor, porque assim desejou o próprio Deus encarnado, que novamente se humilha e se coloca nas mãos da humanidade amando aquilo que criou e desejando ficar conosco, um Deus que nunca nos abandona, que vem ao nosso encontro e que caminha conosco, “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6).

Na eucaristia encontramos o sentido da vida cristã, dela emana a vocação da Igreja, ser Cristo no mundo, por isso é centro, o mesmo Deus que conhecemos na intimidade do nosso ser que se oferece por nós todos, é o mesmo que devemos nos configurar.

Dizemos ainda que a Eucaristia é tesouro, porque constitui a riqueza da Igreja, perpassada pela Sagrada Tradição em obediência ao ensinamento do Senhor que antes de derramar seu sangue na cruz pediu que se repetisse o mesmo gesto em sua memória, nela alcançamos o ápice desse ser Igreja pois congregados em torno do mesmo Senhor na diversidade de nossos membros, somos o seu povo repetindo seu mandamento até que venha e una a dimensão terrena à dimensão celeste. A Eucaristia é prefiguração daquilo que viveremos no Céu, quando se celebra os sagrados mistérios todo o cosmos adentra em uma perfeita harmonia e experimentamos na terra aquela grandeza do céu de nos encontrarmos com o Senhor face a face.

Assim, o teólogo bávaro mostra-se a favor da unidade entre a dimensão convival e sacrificial na Eucaristia. Toda celebração eucarística é, ao mesmo tempo, sexta e sábados santos, além de domingo da ressurreição: toda a páscoa do Senhor. Todo o tríduo pascal e o tempo da páscoa encontram-se concentrados em cada celebração do sacrifício do altar. Por isso, a celebração eucarística é o memorial da páscoa do Senhor (SARTO, 2016, p.71).

Aos bispos primeiros encarregados da celebração eucarística e aos padres seus colaboradores cabem o renomado zelo pela vivência de tão grande dádiva, com os olhos voltados ao divino devem ser instrumentos de sua benevolência na pessoa do Cristo, instruindo os fiéis no respeito e dedicação para com a Santa missa possuem a tarefa de apontar a centralidade que não está em sua autopromoção, mas no serviço do encargo de seu ministério, tudo é dom de Deus; a nós fiéis devemos se recordar daquilo que estamos a experimentar evitando fazer da celebração da Eucaristia, um espaço para acréscimos incondizentes com a realidade vivenciada.

O Cristo é ainda pão dos pobres, nossa humanidade mergulhada na sua fraqueza e por isso pobreza de tantas coisas, pode encontrar no Diviníssimo sacramento do altar, a maior riqueza que nos poderia ser concedida, a maior recompensa que todo e qualquer criatura poderia ser agraciada, o pão dos anjos transformado em pão dos homens. Sem medo a Igreja aclama com toda certeza, que da Eucaristia sobrevive e Nela encontra forças para continuar sua missão. Na verdade só por meio de um alimento divino diante de tantas quedas é possível manter-se de pé com todo vigor possível, pois a santíssima Eucaristia é força motriz que impulsiona e dá vida a sua esposa, eis o segredo que a sustenta a mais de dois mil anos. Sacramento de amor, Deus quis permanecer conosco para nossa salvação e para que não nos sentíssemos sozinhos, ele que é tão grande e majestoso, se fez pequeno e simples para estar no pão e vinho consagrados.

Assim sendo, cada vez que comungamos, anuncia-se para nós que a salvação de nossos corpos se dará no corpo de Jesus e não ficaremos eternamente nus, despidos, convicto disso, Ratzinger diz: O corpo de Cristo que recebemos na comunhão, ao qual estamos unidos na Eucaristia ('um só corpo com Ele' Cf. 1 Cor 6, 12-20) nos salva da 'nudez' – daquele estar despojado diante de Deus que nós não poderemos sustentar (ASSUNÇÃO, 2016, p.301).

Por meio do vinho e do pão nos unimos ao sacrifício de Cristo, oferecemos a Ele o suor de nossas mãos, as nossas labutas e Ele com seu Espírito de paz santifica tudo numa ação de graças ao Pai. A ação de Deus é sempre trinitária, pois não são Três deuses, mas um só em três pessoas distintas, comunidade de amor, Deus é relação e não isolamento. Se podemos conhecer o amor entre nós, esse mesmo amor encontra sua origem em Deus, pois "Deus é amor".

Nesse sentido ao comungarmos o preciosíssimo corpo do Senhor, permitimos que ele haja em nós, que Ele seja em nós. A eucaristia nunca é um ato isolado da comunhão com os irmãos. Um cristão é chamado a seguir os passos do mestre e cheio dele sair e espalhar ao mundo a alegria que experimentou por meio de uma pessoa que se doa totalmente em cada Eucaristia e que não desisti de nós, apesar de nossas faltas e delitos. Ao comungarmos do sagrado viático devemos ser impulsionados a gerar novas vidas pela vida que nos é ofertada, a sermos tabernáculos do altíssimo, como foi a santíssima virgem e levá-lo aqueles que ainda não o conhecem, ultrapassando os muros de nossas igrejas e o depositando por meio de nossas ações aonde sempre quis estar, no meio de seu povo.

Seja como for, deve-se acrescentar a essa análise da "forma do banquete" que a Eucaristia não se pode certamente ser descrita adequadamente pelos termos "refeição ou "banquete", O Senhor, com efeito, instituiu indubitavelmente a novidade do culto cristão no âmbito de um banquete pascal judaico, mas nos

mandou repetir essa novidade, não o banquete enquanto tal. Justamente por isso, a novidade muito cedo libertou-se do seu antigo contexto e encontrou uma forma própria a ela, que já fora antecipada pelo fato de que a Eucaristia reenvie à cruz e, portanto, à transformação do sacrifício do templo do culto espiritual (RATZINGER, 2015, p.62).

Isto constitui a missão da Igreja, sair ao encontro dos mais necessitados, se unir ao sacrifício de Cristo, com todas as dificuldades e desafios possíveis da caminhada, fazer disso uma oferenda de amor ao amor dos amores, pela Eucaristia somos também sacrários de um reino e de uma verdade que o nosso mundo desconhece, escancaremos as portas de nosso coração por meio de nosso testemunho e cultivemos no mundo a semente de Eucaristia que devemos partilhar com quem não conhece e que se bem regada é capaz de transformar uma sociedade em casa de irmãos que tem entre si o maior bem comum, o amor eterno, cujo tempo e sistemas não podem corroer porque lhes é maior.

A Igreja é corpo de Cristo porque se alimenta Dele e se transforma Nele. A Eucaristia é um espaço de transformações, não apenas pela transubstanciação propriamente dita, na qual pão e vinho se tornam corpo e sangue do Senhor, mas porque nos transformamos também naquele que recebemos e somos com ele impulsionados a viver a caridade com o próximo. A Igreja é povo de Deus porque Cristo lhe concede esta dignidade de ser a comunidade dos escolhidos, a mudarmos de vida. Pela libertação da escravidão ingressamos na nova terra e o antigo cessa lugar ao novo, na caminhada do povo de Israel Deus lhes deu o maná, agora se dá ele mesmo por comida para trilharmos as veredas que a vida nos proporcionando com o auxílio de sua graça.

CONCLUSÕES

A Eucaristia na perspectiva ratzingeriana é centro, tesouro e ápice da Igreja porque é corpo e sangue do próprio Senhor Jesus Cristo. Neste sentido o olhar que se direciona a este santíssimo Sacramento, é especial, real e venerável. O culto as sagradas espécies, corresponde ao âmbito de adoração e ultrapassa qualquer simbologia, pois não se trata de uma mera representação, mas da presença total de Jesus, que é Deus e homem e que veio ao mundo para a salvação de toda a humanidade. Deus mesmo desejou de seu coração permanecer conosco por meio do sagrado viático. A Igreja é entendida assim como extensão daquilo que a nutre, corpo místico de Cristo e povo de Deus que caminha para a celebração eterna nas bodas celestes do cordeiro. Diante disso, estas ideias que pertencem também ao magistério da Igreja foram enriquecidas a partir do pensamento de Joseph Ratzinger que com suas ricas reflexões torna fértil o campus fidei para uma maior compreensão deste diviníssimo sacramento, tesouro incalculável, doação sacrificial que alimenta e sustenta a Igreja ao longo dos séculos e congrega em torno de uma mesma mesa uma diversidade de raças e culturas.

REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, Rudy Albino de. O sacrifício da Palavra: a liturgia da missa segundo Bento XVI. Campinas: Ecclesiae, 2016.

BENTO XVI. Sacramentum Caritatis. 6 Ed. São Paulo, Paulinas, 2010.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. 4 impr. São Paulo: Paulus, 2002.

RATZINGER, Joseph. Ser cristão na era neopagã. Campinas: Ecclesiae, 2015.

SARTO, Pablo Blanco. Bento XVI: um mapa de suas ideias. São Paulo, Molokai, 2016.